



3901 - Trabalho Completo - XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPEd (2018)
GT17 - Filosofia da Educação

APROXIMAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA EM EDUCAÇÃO COM O ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO

Rosemary Marinho da Silva - UFPB - Universidade Federal da Paraíba

Rosemary Marinho da Silva

Doutoranda

Maria Eulina Pessoa de Carvalho

Orientadora

RESUMO

Este texto discorre sobre a contribuição da investigação qualitativa em Educação, a partir das principais teorias filosóficas, para o Ensino de Filosofia. Argumenta que um documento primário – principal objeto da pesquisa filosófica – está composto da compreensão e dos sentidos comuns da/o própria/o filósofa/o e do tempo histórico vivido por esta/este, e que a fronteira entre indutivo e dedutivo pode agregar interconexões importantes para uma presença efetiva da Filosofia no Ensino Médio.

PALAVRA-CHAVES: Ensino de Filosofia; Pesquisa Qualitativa; Investigação em Educação.

APROXIMAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA EM EDUCAÇÃO COM O ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO

INTRODUÇÃO

O Ensino de Filosofia como campo de pesquisa se situa na fronteira entre as produções dos campos da Educação e da Filosofia. Um dos problemas desta fronteira reside na questão metodológica. Observa-se que no Banco de Teses e Dissertações da CAPES[1], nos anos de 2011 a 2016, há 102 produções sobre o "Ensino de Filosofia". Das 90 dissertações, apenas 5 foram produzidas em Mestrados de Filosofia, as demais estão nos Mestrados em Educação. As Teses seguem a mesma proporção. Por que delegar para as Pós Graduações em Educação a produção de Teses e Dissertações sobre o Ensino de Filosofia no Ensino Médio? A pesquisa em Filosofia é tradicionalmente dedutiva, com produção de conhecimento centrada nos documentos originários de uma/um filósofa/o e de suas/seus comentadoras/es (GONTIJO, 2017; GONTIJO, 2015). O campo de pesquisa do Ensino de Filosofia exige projetos que produzam conhecimento tanto dos documentos originais quanto de levantamento e análise de dados no cotidiano escolar (SANTOS, 2015; MENDES, 2014). As pesquisas sobre o Ensino de Filosofia exigem abertura epistemológica-metodológica no modo de pesquisa em Filosofia. As Pós-Graduações em Filosofia estão atentas e dispostas a serem interpeladas por tal exigência?

A pesquisa sobre Ensino de Filosofia envolve coleta de dados empíricos, que pode seguir diversos caminhos. Os métodos qualitativos, no campo da Educação, possibilitam tanto o rigor científico quanto a percepção de dimensões plurais e multifacetadas (ANDRÉ; GATTI, 2013) imbricadas no contexto local. Estes métodos desmontaram discursos de neutralidade científica, ressaltando a interpretação e compreensão como componentes metodológicos, bem como o compromisso e responsabilidade da/do pesquisadora como questão ética (FINE, 2013). Assim, resultam em produções significativas para a consolidação do campo de pesquisa sobre o Ensino de Filosofia.

O que se pretende, com este texto, é compreender a contribuição da investigação qualitativa em Educação para o campo de pesquisa do Ensino de Filosofia. Para tal se descrevem, em linhas gerais, as principais teorias filosóficas da investigação qualitativa, e se apontam contribuições para a produção do conhecimento sobre Ensino de Filosofia no Ensino Médio. Um dos resultados é a afirmação de outro modo de concepção da pesquisa em Filosofia e Ensino de Filosofia, no qual a fronteira entre indutivo e dedutivo pode agregar interconexões importantes para uma presença efetiva da Filosofia no Ensino Médio.

CONCEPÇÕES FILOSÓFICAS DA INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA EM EDUCAÇÃO

As concepções dialética, fenomenológica e da complexidade se tornam basilares para a investigação qualitativa. Elas apontam outra maneira de elaborar conhecimentos científicos e filosóficos que leva em conta as múltiplas condições e dimensões do ser humano.

Concepção dialética

O ato de conhecer, para Marx, começa pelo concreto. Mas, o que é o concreto? Um "processo de síntese, um resultado, então, um ponto de partida (...) da observação imediata e da representação" (MARX, 1977, p. 218). Com isso, quando se elabora e se executa um projeto de pesquisa o resultado é a concretude do objeto articulado pelo sujeito, que se traduz em conhecimento.

Vieira Pinto aponta que a pesquisa não é pura ou isolada, ao contrário, ela se constitui das ligações e relações entre as coisas. Nesse sentido, "com a auto percepção do produto subjetivo – a ideia e o seu correspondente objetivo, a coisa – se torna possível (...)

compreender-se a si mesmo como parte do processo universal (...) da realidade" (PINTO, 1979, p. 31). A pesquisa apresenta expressões exteriores ao ser humano, ao mesmo tempo, que retrata como o mundo se apresenta ao ser humano.

Não são só o sujeito e suas ações que estão postos como elementos primordiais na pesquisa, mas este sujeito na história, interpelado pelo mundo, que é exterior, ao mesmo tempo, compõe sua subjetividade, enquanto interconexões provindas de sínteses das múltiplas determinações históricas.

Concepção fenomenológica

Se no racionalismo e no empirismo a ideia de natureza como máquina se configura pela rigidez das leis universais observáveis tanto pela razão quanto pela experiência, na fenomenologia há o mundo dos fenômenos, que compreende os seres animados e inanimados, configurados como uma devolução das coisas à sua concretude, mas uma concretude que se conduz pela percepção do sujeito histórico. Ressalta-se a "camada de experiência viva através da qual primeiramente o outro e as coisas nos são dados" (PONTY, 2006, p. 90) pela percepção dos fenômenos. A percepção é o "fundo sobre o qual todos os atos se destacam e ela é pressuposta por eles" (PONTY, 2006, p. 6). Por isso, compreender é "a maneira única de existir que se imprime na propriedade da coisa" (PONTY, 2006, p. 16).

A percepção e a compreensão são recolocadas no ato de conhecer e de pesquisar como elementos que significam a experiência que se tem de si mesma/o, das outras pessoas e das coisas que compõem o mundo. Este mundo objetivo é compreendido por cada sujeito, com seu modo próprio de dar sentido aos fenômenos que percebe. Por isso na pesquisa o elemento da escuta das percepções é algo valorado na construção de teorias científicas e filosóficas. Não há uma universalidade nem uma singularidade que se elabore distante da 'experiência viva'. A pesquisa científica inspirada na fenomenologia considera o sujeito da ação cotidiana e sua compreensão da própria vida, com suas percepções e sentidos, como elemento contínuo na construção do conhecimento.

Concepção Complexa ou Pós-Moderna

A concepção fenomenológica e a crítico-dialética inauguram uma série de questionamentos consistentes que se contrapõem a uma concepção empírico-racionalista da produção científica. Há diversas/os pensadoras/es, como Foucault, Nestor Canclini, Beatriz Sarlo, entre outras/os, que aprofundam esses questionamentos. Aqui se destacam as reflexões de Boaventura de Souza Santos e Stuart Hall sobre senso comum e as concepções de sujeito.

Um aspecto considerado por Santos, é que os sujeitos da ciência, na medida que a produzem, "são objetivados nos objetos teóricos que criam" (1989, p. 15). Logo, qual é a fronteira entre objeto e sujeito? Se a/o pesquisadora está implicada/o no seu objeto de pesquisa, o que se produz está impregnado da compreensão que ela/e já possuía do objeto, antes mesmo de iniciar a pesquisa. Santos propõe o rompimento da desconfiança do senso comum, tanto no ato da pesquisa, percebendo o quanto o objeto possui nele mesmo de senso comum, quanto na percepção da/o pesquisadora sobre o objeto de pesquisa. O senso comum é "o menor denominador comum daquilo em que um grupo ou um povo coletivamente acredita" (SANTOS, 1989, p. 37). A pesquisa científica e a filosófica não se configuram como opostas ao senso comum, ao contrário, elas estão recheadas do senso comum, dos pré-conceitos constitutivos do nosso ser e da nossa história, "que nos capacitam a agir e nos abrem à experiência e, por isso, a compreensão do nosso estar no mundo não pode de modo nenhum dispensá-los" (SANTOS, 1989, p. 39).

Na Filosofia, por exemplo, há sentidos comuns como 'filosofia é algo difícil mesmo', 'jovens não têm maturidade para entendê-la', 'não se ensina filosofia, mas a filosofar', 'filosofia não é coisa de mulher'. Estes sentidos comuns precisam ser considerados pela/o pesquisadora desde o momento da elaboração do projeto de pesquisa, seja no campo do Ensino de Filosofia ou em qualquer outro campo de pesquisa da Filosofia para que possamos compreender, com profundidade, a contribuição da Filosofia ao 'modo de estar no mundo'.

Ao final do século XX, segundo Hall, o sujeito é retorcido por transformações e fragmentações culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade que o deslocam, a todo momento, nas relações sociais. O sujeito que emerge dessas fragmentações seria aquele "composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas" (HALL, 2015, p. 12). O sujeito torna-se uma "celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam" (HALL, 2015, p. 13). Esses sistemas culturais não se desconectam de forma total, por terem diferentes elementos que se articulam e rearticulam, conjuntamente, tornando-se comunicáveis. Não é o princípio da unificação que os mantém, mas a estrutura instável e aberta do próprio discurso.

Estas teorias, que fundamentam os métodos e procedimentos quantitativos em Educação, repensam a fronteira rígida entre pesquisas dedutivas e indutivas, como também possibilitam o tratamento de objetos que exigem procedimentos mistos que tanto utilizam métodos qualitativos quanto quantitativos. Além disso, elas abrem a percepção de que um documento primário está composto da compreensão e dos sentidos comuns da/o própria/o filósofa/o e do tempo histórico vivido por esta/este. É possível fazer pesquisa sem levar em conta os pré-conceitos que estão presentes na/no pesquisador/a que executa um projeto de pesquisa? Estas questões são provocativas para o Ensino de Filosofia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada nas diversas áreas filosóficas, em sua grande maioria, se tornam desvinculadas do mundo histórico, cotidiano e complexo das juventudes que estão presentes no Ensino Médio. Isso não pode ocorrer com o campo de pesquisa do Ensino de Filosofia. É preciso se apropriar da história da Filosofia numa perspectiva aberta às percepções dos sujeitos concretos, que se constroem na e a partir das fragmentações apontadas por Hall. Na pesquisa sobre o Ensino de Filosofia é possível utilizar os documentos primários de filósofos/os, não fechando-se neles, mas realizando cruzamentos com outros procedimentos que possibilitam o exercício desafiador de pesquisar as percepções, compreensões e interpretações dos diversos sujeitos, com seus múltiplos centros de poderes, que fazem parte do cotidiano escolar da Educação Básica.

Um dos resultados da aproximação entre a pesquisa do Ensino de Filosofia e a pesquisa qualitativa é a percepção de que é possível transitar na fronteira entre o indutivo e dedutivo. Este trânsito pode agregar interconexões importantes para uma presença efetiva da Filosofia no Ensino Médio. Por isso, a importância de re-visitá-las próprias percepções históricas e concretas, com seus pré-conceitos, tanto na prática de pesquisa quanto na docência em Filosofia. As aulas e as atividades extra-aulas de Filosofia se tornam campo de aproximação entre teorias e condições concretas das juventudes no Ensino Médio, oportunizando experiências filosóficas e educacionais, isto é, a experiência com o pensamento conceitual na complexidade do ambiente escolar do vivido, da história, do senso comum e do discurso. A palavra experiência, que vem do latim *experientia/experiri*, traz consigo o sentido de testar a aproximações entre teorias filosóficas e o cotidiano escolar, utilizando-se dos conhecimentos obtidos anteriormente. É nesse sentido que o Ensino de Filosofia como campo de pesquisa se traduz como prática teórica que atualiza e amplia a própria compreensão da necessidade e o papel da Filosofia em tempos históricos de fragmentações.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli; GATTI, Bernadete. A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em Educação no Brasil. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle (Orgs). **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação**. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 29-38.

COSTA, Marisa V.; SILVEIRA, Rosa H; SOMMER, Luis H. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação** (online), n. 23, p. 36-61, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a03.pdf>. Acesso em: 10 out. 2014.

FINE, Michelle; WEIS, Lois; WESEEN, Susan; WONG, Loonmun. Para quem? Pesquisa Qualitativa, representações e responsabilidades sociais. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle (Orgs.). **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação**. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 115-139.

GONTIJO, Pedro. O ensino de filosofia no Brasil: algumas notas sobre avanços e desafios. **Revista Perspectivas**, [S.l.], v. 2, n. 1, p. 3-17, jan. 2017. Disponível em: <https://docplayer.com.br/53109588-O-ensino-de-filosofia-no-brasil-algumas-notas-sobre-avancos-e-desafios.html>. Acesso em: 07 ago. 2018.

_____. As filosofias nos currículos estaduais do Ensino Médio. IN: CARVALHO, M.; ALMEIDA JUNIOR, J. BENEDITO; GONTIJO, P. (orgs). **Filosofar e Ensinar Filosofia**. Coleção XVI Encontro ANPOF. ANPOF, 2015. p. 41-55.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

LUKÁCS, György. **Prolegômenos para uma ontologia do ser social: questões de princípios para uma ontologia hoje tornada possível**. Trad. Lya Luft e Rodnei Nascimento. São Paulo: Boitempo, 2010. Parte I e II.

MARX, Karl. **Contribuições à crítica da economia política**. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

MENDES, Ademir Aparecido Pinhelli. **Atitude filosófica do jovem no cotidiano escolar do ensino médio: um estudo sobre as possibilidades da recepção do conteúdo de filosofia política**. 2014. 187 f. Tese (Doutorado Programa de Pós Graduação em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014. Disponível em: http://www.ppgc.ufr.br/teses%20d2014/d2014_Ademir%20Aparecido%20Pinhelli%20Mendes.pdf. Acesso em: 03 jan. 2018.

PINTO, Álvaro Vieira. A evolução do conhecimento. Os caracteres do conhecimento científico. In: PINTO, Álvaro Vieira **Ciência e existência: problemas filosóficos da pesquisa científica** 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

PONTY, Maurice Merleau. **Fenomenologia da percepção**. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

SANTOS, Yvison Gomes dos. **O Ensino de Filosofia no Ensino Médio analisado através de relatos de experiência de alunos em uma escola pública de Maceió/AL**. 2015. 86 f. Dissertação (Mestrado em Educação/Centro de Educação) - Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2015. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/3891471/yvisson-gomes-dos-santos>. Acesso em: 03 jan. 2018.

WEBER, Max. Sobre algumas categorias da Sociologia compreensiva. In: WEBER, Max. **Metodologias das ciências sociais**. Parte II. 4. Ed. São Paulo: Cortez, 2001.

[1] Estes dados estão disponíveis no site da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior e foram coletados nos meses de fevereiro e março de 2017. É possível acessar o Catálogo de Teses e Dissertações através do link: <http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>.